

## A IMPRENSA SALMANTINA NOS INÍCIOS DE QUINHENTOS: A EDIÇÃO DA OBRA HUMANISTA DE AIRES BARBOSA, O MESTRE GREGO

José Henrique Rodrigues Manso

*Universidade da Beira Interior, Covilhã (Portugal)*

*Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos da Universidade de Coimbra (Portugal)*

### Resumo:

Conhecido pelo famoso epíteto de *Mestre Grego*, por ter sido o primeiro a leccionar a língua de Homero numa instituição universitária em toda a Península Ibérica, o humanista português Aires Barbosa (ca. 1470-1540) destacou-se como professor de Latim e de Grego na Universidade de Salamanca no primeiro quartel do século XVI. Entre 1511 e 1517, a par da sua actividade docente, publicou em latim quatro opúsculos destinados a esclarecer os seus discípulos acerca das matérias leccionadas, um conjunto de epigramas e um extenso volume intitulado *Comentário à "Historia apostolica" de Arátor* (1516), consubstanciação das lições proferidas por Barbosa na regência da cátedra de Gramática e que constitui a sua obra-prima. A edição original destes trabalhos apresenta diversos motivos de interesse e não menos dificuldades para os que se aventuram na leitura e transcrição do texto barbosiano, e espelha os avanços e limitações da Imprensa na cidade do Tormes nos inícios de Quinhentos. É objectivo deste trabalho descrever e explicar diversos aspectos que sobressaem na leitura do texto original, tais como a excessiva compactação do texto e a escassez de ilustrações, até quando estavam inicialmente previstas; a existência de erros, atribuíveis quer ao autor quer à incúria do tipógrafo; o uso constante de abreviaturas, algumas delas não dicionarizadas pelos especialistas; ou a transcrição de palavras e textos de língua helénica em caracteres latinos.

**Palavras-chave:** Imprensa. Salamanca. Aires Barbosa. Latim. Grego.

### Abstract:

Known by the famous epithet of *Greek Master*, for having been the first to teach the language of Homer in a university in the Iberian Peninsula, the Portuguese humanist Aires Barbosa (ca. 1470-1540) stands out as a teacher of Latin and Greek at the University of Salamanca in the first quarter of the sixteenth century. Between 1511 and 1517, alongside his teaching activities, he published four booklets in Latin designed to clarify his disciples about the subjects he taught, a collection of epigrams and an extensive volume entitled *Commentary of Arator's "Historia apostolica"* (1516), the embodiment of the lessons given by Barbosa in the regency of the chair of Grammar, and which constitutes his masterpiece. The original edition of this works present several reasons of interest and no less difficulties for those who venture to read and transcribe the barbosian text, and reflect the advances and limitations of the Press in the city of Tormes in the early sixteenth century. The aim of this paper is to describe and explain several aspects that stand out in the reading of the original text, such as excessive compression of the text and the lack of illustrations, even when they were initially planned; the existence of errors assignable to either the author or to the carelessness of the printer; the constant use of abbreviations, some of them not filed in dictionaries by the experts; or the transcription of words and texts in Hellenic language into Latin characters.

**Keywords:** Press. Salamanca. Aires Barbosa. Latin. Greek

Aires Barbosa – eis o nome do humanista português com vasta obra publicada em Salamanca, cidade onde alcançou a fama. Quem foi ele, em primeiro lugar? Filho de Fernando Barbosa e Catarina de Figueiredo, nasceu por volta de 1470 em Esgueira (Aveiro), aí falecendo a 20 de Janeiro de 1540. Era sobrinho do humanista Martim de Figueiredo, que fora discípulo do célebre professor Ângelo Policiano (1454-1494), afamado professor de latim e de grego.

Aires Barbosa fez as primeiras letras em solo português, mas aos doze ou treze anos, isto é, por volta de 1482, rumou a Salamanca, uma das mais prestigiadas universidades da Península Ibérica, para iniciar o seu curso de Artes. As razões da escolha de Salamanca terão sido as mesmas que motivaram tantos outros portugueses que, por essa altura, e com maior intensidade a partir dos inícios do século XVI, elegeram a cidade do Tormes para a prossecução dos seus estudos, em detrimento de Lisboa: o burgo salmantino era mais acessível do que a capital portuguesa para os estudantes oriundos do Norte do País e da Beira, em termos geográficos e económicos, e os estudos universitários ministrados no Portugal de então revelavam-se insuficientes, pois “vinham longe, ainda, os melhores tempos de Coimbra, e o Estudo de Lisboa não vingava a satisfazer os mais exigentes” (Medeiros, 1953, pp. 7-8). Acreditamos que tenha sido esta última razão, comprovada pela excelência dos mestres e pela riqueza das suas bibliotecas, a conduzir Barbosa para Salamanca. Ainda jovem, portanto, foi discípulo de Antonio de Nebrija, professor de Gramática e de Poética até 1486, e do seu sucessor Lúcio Maríneo Sículo, que o terá iniciado no estudo do grego e incentivado a completar os seus estudos em Itália. Walter de Medeiros reflecte sobre os motivos que terão levado Barbosa a nunca se referir a Nebrija como seu mestre e aponta como melhor explicação o facto de Salamanca ser para Barbosa apenas um “noviciado” no que respeita às Humanidades – é com Policiano, em Florença, que Barbosa vai haurir o grosso do seu saber humanístico: “Nebrija ficou na sombra, admirado, sim, mas excedido” (Medeiros, 1953, p. 9). Barbosa permaneceu durante alguns anos na instituição salmantina, mas não foi nesta que alcançou o grau de mestre. Por volta de 1490 rumou a Florença, e por lá permaneceu durante seis a sete anos, tendo sido aluno de Ângelo Policiano e condiscípulo de João de Médicis, futuro papa Leão X. Aires Barbosa ficou impressionado com o saber de Policiano, o mestre de quem se dirá orgulhosamente discípulo ao longo da vida.

Barbosa regressa a Portugal em 1494, mas logo no ano seguinte está de volta a Salamanca, onde é convidado a integrar o corpo docente da universidade. Ora, quando o Grego arranca em Alcalá de Henares em 1508, pela mão do Cardeal Cisneros (López Rueda, 1973, pp. 17-19 e 418), já essa língua clássica apresentava funcionamento efectivo na Universidade de Salamanca havia quase década e meia, sendo o seu primeiro regente Aires Barbosa. Na verdade, tal cátedra, criada em Salamanca em 1480, arranca definitivamente em 1495 com Aires Barbosa. Foi ele o pioneiro no ensino desta língua a nível universitário em toda a Península Ibérica. Maríneo Sículo, por exemplo, testemunha no *De Laudibus Hispaniae* que a disciplina já figurava nos planos de estudo da Universidade pelo menos em 1495, sendo seu regente o humanista português: “Graece autem docet Arius Barbosus, uir et Graece et Latine facundus” (Sículo, 1495, fl. xxii). Ensinaria grego até à sua jubilação em 1523 e terá influenciado outros mestres, seus discípulos e amigos, como Francisco de Vergara, o catedrático de Grego mais importante em Alcalá no século XVI. Com efeito, o pioneirismo e a excelência do seu ensino naquela língua valeu-lhe o epíteto de *Mestre Grego* com que ficaria conhecido entre os seus pares e para a posteridade, sendo assim frequentemente referido nos próprios *Livros de claustros*. Por exemplo, quando o conselho universitário decidiu “enviar al rey don Felipe, nuestro señor – a le besar las manos en nombre de la Universidad”, entre os escolhidos consta “al Maestro Griego”, e a propósito de um empréstimo que o Estudo lhe havia concedido, diz-se que “el Maestro Griego pagó al arca del Estudio cuatrocientos reales que le habían prestado” (Marques, 1980, pp. 141-142 e 178).

Em 1503, Aires Barbosa acrescentou à docência do grego a cátedra de Retórica, que abandonaria quando, em 1509, conseguiu finalmente a regência da cátedra de Gramática, mais prestigiada e com um salário muito superior (Esperabé Arteaga, 1917, p. 247)<sup>1</sup>. É no âmbito da regência do Latim (Retórica e Gramática) que se enquadra a maioria das publicações do nosso humanista: entre os anos de 1511 e 1517, fez sair a lume cinco obras de carácter didáctico, destinadas fundamentalmente a esclarecer os seus discípulos acerca das matérias leccionadas. O interesse de Barbosa nas questões gramaticais da língua latina é perceptível nestes escritos: quatro opúsculos, um sobre verbos impessoais, *De Verbis obliquis* (Salamanca, 1511); outro sobre métrica latina, *Epometria* (Salamanca, 1515); um terceiro sobre ortografia, *De Orthographia* (Salamanca, 1517); e, finalmente, um trabalho sobre prosódia, *De Prosodia* (Salamanca, 1517). A tais opúsculos acresce o seu extenso *Comentário à “Historia apostolica”*

---

<sup>1</sup> Segundo Esperabé Arteaga, o salário de Retórica era de 60 florins, ao passo que o de Gramática era quase o dobro, 100 florins. Note-se ainda que Barbosa concorreu à cátedra de Gramática por três vezes: em 1503 foi vencido por Pedro Espinosa; mais tarde, em 1505, desistiu em favor do outro concorrente, o seu amigo e antigo mestre Antonio de Nebrija; e só em 1509, por renúncia de Nebrija, Barbosa conseguiu a tão almejada cátedra.

de Arátor (Salamanca, 1516), onde, além das considerações de teor teológico, bíblico ou histórico, surgem longas apreciações estilísticas, etimológicas, métricas e sintáctico-semânticas. Publicou ainda o poema *Antimoria*, já em Coimbra, no ano de 1536, e duas colecções de epigramas: a primeira aparece junto a *De Prosodia* e ao *De Orthographia* (Salamanca, 1517) e a segunda, apensa à *Antimoria*.

Em suma, toda a obra barbosiana foi escrita em latim, versando boa parte dela sobre questões dessa mesma língua. De facto, os seus epigramas procuram imitar um género consagrado em Roma por poetas como Marcial e os seus trabalhos didácticos tomam por base autores latinos: por exemplo, o *Comentário à "Historia apostolica"* analisa a epopeia bíblica do poeta cristão Arátor (ca. 490 - ca. 550), e a selecção sobre os verbos impessoais parte de uma passagem de Quintiliano, que lhe inspira o título – *Arii Barbosae Lusitani in uerba M. Fabii: quid? quod & reliqua. Relectio de uerbis obliquis*<sup>2</sup>. Esta constatação, que aparentemente choca com o facto de Barbosa ter sido sobretudo um afamado professor de grego, leva-nos a uma questão pertinente: onde está a erudição helénica nos escritos barbosianos? A ela voltaremos mais adiante. Detemo-nos agora no facto de a actividade docente de Aires Barbosa ter implicado um não menos pertinente trabalho editorial. Apresentamos desde logo um quadro das obras barbosianas publicadas em Salamanca, registando os títulos completos, tal como constam nos textos originais:

Obra, local e data:

Título completo:

1. Relecção sobre os verbos obliquos, Salamanca, 1511	<i>Arii Barbosae Lusitani in uerba M. Fabii. Quid? quod &amp; reliqua. Relectio de uerbis Obliquis.</i> [Cólofon:] Impressum Salmanticae Idibus Iuniis anno a genesi liberatoris nostri & salutiferi Iesu. M.D.Xi
2. Tratado sobre métrica Salamanca, 1515	<i>Arii Barbosae Lusitani Relectio, cui Titulus Epometria.</i> [Cólofon:] Impressum Salmanticae, v. nonas Julij. M.D.Xv
3. Comentário à <i>Historia apostolica</i> de Arátor, Salamanca, 1516	<i>ARATORIS CARDINALIS HISTORIA APOSTOLICA CVM / Cõmentariis Arii Barbosae Lusitani.</i> [Cólofon:] Impressum Salmanticae in aedibus Ioannis de Porris Mense Aprili. M.D.XVI.
4. Tratado de prosódia, Salamanca, 1517	<i>Arii barbosae lusitani relectio: cui titulus prosodia; Arii Barbosae Lusitani relectio: cui titulus orthographia; Eiusdem Arii B. L. Nonnulla Epigrãmata.</i> [Cólofon:] Impressum Salmanticae: Mense Decembri. Anno. M.D.XVII
5. Tratado de ortografia, Salamanca, 1517	
6. Epigramas, Salamanca, 1517	

Como se pode verificar, os originais, com excepção do segundo, não referem a tipografia, limitando-se a indicar o local: *impressum Salmanticae*. Essa lacuna tem, todavia, um contexto histórico

<sup>2</sup> Cf. Quint., *Inst.*, 1, 4, 29: "*Quid? quod* multa uerba non totum declinationis ordinem ferunt? Quaedam etiam mutantur, ut "fero" in praeterito, *quaedam tertiae demum personae figura dicuntur, ut «licet», «piget»*" (itálico nosso).

específico relativo à própria história da imprensa em Salamanca (e que poderá ter situações análogas em outros pontos de Espanha e mesmo da Europa).

A primeira oficina tipográfica aparece em Espanha em 1474, na cidade de Valência, e surge cinco anos depois em Salamanca, sob o impulso dos Reis Católicos, cujos intentos políticos – a rápida difusão da língua castelhana num reino a ser unificado – coincidiam temporalmente com os intentos académicos de Antonio de Nebrija, que via na arte tipográfica um meio altamente eficaz de expandir o seu saber e prestígio universitário, tornando-se o promotor da imprensa na cidade do Tormes (Cuesta Gutiérrez, 1960, pp. 7-8). Ora, até as famosíssimas *Introductiones Latinae* de Nebrija (1481), a primeira obra impressa em Salamanca apresentando data e local de edição, permanecem mudas quanto à identidade do tipógrafo, assim sucedendo nas três edições seguintes (1482, 1485 e 1492) e na versão castelhana mandada fazer pela rainha católica D. Isabel, a *Gramatica Castellana* de 1492 (Mendez, 1861, pp. 113-117). O anonimato dos primeiros tipógrafos salmantinos – dos cento e cinquenta incunábulos impressos na cidade do Tormes, só seis identificam o tipógrafo (Cuesta Gutiérrez, 1960, p. 10) – é explicado a partir de uma interessante tese de D. Francisco Vindel:

Sabiendo el concepto que como clase social tenía la artesanía, Nebrija, como catedrático de la Universidad, no podría estampar su nombre en este trabajo manual, incompatible con su cargo. Es bastante verosímil la solución, pues los incunables hallados en la biblioteca del palacio Nacional de discípulos de Nebrija y que en primorosas monografías nos ha dado a conocer su Directora, Matilde Serrano, afianza esta hipótesis, pues son de la misma época que la de las grandes ediciones del Maestro. (Cuesta Gutiérrez, p. 11).

É em 1496 que aparece o nome do primeiro mestre tipógrafo num livro impresso em Salamanca: trata-se de Leonardo Hutz, também conhecido como Leonardo, o Alemão (Cuesta Gutiérrez, p. 14). Entretanto, aparecem os primeiros nomes de tipógrafos espanhóis, pertencendo a Pedro de Pascua o lugar cimeiro, que imprimiu em 1505 o *Quaderno de las leyes y nuevas decisiones sobre las dudas de derecho que solían y suelen ocurrir en estos Reynos* (Cuesta Gutiérrez, p. 24). O que verificamos, pois, confrontando estes dados com os que constam nas edições barbosianas, é que no primeiro quartel de Quinhentos há vários casos em que o tipógrafo ainda permanece no anonimato. Mas, curiosamente, na obra-prima de Barbosa tal não acontece: terá o tipógrafo João de Porres querido associar o seu nome e o prestígio da sua casa a uma obra de inquestionável valor?

Se os opúsculos de Barbosa foram também impressos na tipografia de João de Porres, tal como o Comentário à *Historia apostolica*, é algo que não podemos afirmar, mas admitimos que é possível que tenha sido este o tipógrafo a imprimir todos os trabalhos acima referidos, com excepção talvez do primeiro. Esta suspeição é reforçada por alguns factos: sendo o Comentário à *Historia apostolica* a consubstanciação das lições que o mestre português ministrou em 1513, conforme se pode depreender do início do prefácio ao primeiro livro (Barbosa, 1516, fl. ii), a verdade é que ele só é publicado três anos mais tarde. Entretanto, Barbosa publica a *Epometria* (1515), um tratado sobre métrica latina que poderá ter sido uma resposta às dificuldades sentidas pelos seus discípulos na análise métrica dos hexâmetros dactílicos que compõem a *Historia apostolica* de Arátor, e um ano depois da publicação do Comentário, Barbosa desculpa-se do menor fôlego no *De Prosodia* pelo empenho em termos de tempo e de forças entretanto depositado na revisão das provas tipográficas do Comentário à *Historia apostolica*:

Cupiebam ego in uestram et publicam omnium utilitatem commentarios in Aratorem meos [...] propagare [...]. Coepi etiam quosdam [...] pullulantes errores non tanquam excetrae sed quasi papauerum capita stilo resecare. (*Apud* Medeiros, 1953, p. 71).

Desejava eu, para utilidade vossa e de todos em geral, fazer a divulgação dos meus comentários acerca de Arátor. Comecei então a talhar com a foice alguns erros que pululavam não como serpentes, mas como se fossem sementes de papoilas.

Assim sendo, acreditamos que as publicações de 1515, 1516 e 1517 tenham sido impressas na mesma tipografia, explicitamente referenciada no cólofon do Comentário à *Historia apostolica*: “in aedibus Ioannis de Porris”.

À oscilação entre identificação e anonimato da casa tipográfica na obra barbosiana com selo salmantino soma-se outra oscilação curiosa em termos editoriais: o tipo de caracteres utilizado. De facto,

a imprensa gutenberguiana começa por utilizar caracteres góticos, visualmente próximos das letras caligrafadas, mas vai gradualmente preterindo aqueles a favor dos caracteres latinos. A entrada "Gutenberg (João Gensfleisch)" da *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira* explica que "os primeiros livros impressos" se assemelhavam "de tal modo aos manuscritos que, a princípio, se acreditava que eles saíssem das mãos dos copistas. Houve mesmo impressores que os vendiam como tais (Faust, entre outros). A breve trecho, porém, a divulgação dos novos processos de imprimir e a substituição dos caracteres góticos (os únicos empregados até então) pelos tipos romanos obstaram a que continuasse a confundir-se os produtos da tipografia com os dos calígrafos" (vol. 12, p. 934). Ora, o que as obras barbosianas permitem constatar é que a passagem dos caracteres góticos para os romanos foi muito gradual e oscilante. Por exemplo, a *Epometria*, obra datada de 1517, é editada em letra gótica, enquanto o *De Verbis obliquis*, de 1511, e o *Comentário à Historia apostolica de Arátor*, de 1516, utilizam caracteres latinos. Esta opção tem consequências ao nível do aspecto visual do texto: a *Epometria* assemelha-se mais a um manuscrito, enquanto as outras duas obras se apresentam claramente como um documento impresso.

Por outro lado, a afirmação de Barbosa acerca dos "pullulantes errores" remete-nos também para um dado que não é comum ser explicitado pelos autores da época: o labor dedicado à revisão de provas. De facto, como afirma o humanista, os erros "pululavam não como serpentes, mas como se fossem sementes de papoilas", referindo-se às incorrecções do *Comentário à Historia apostolica*, o seu livro mais importante e mais volumoso. Este foi um trabalho aperfeiçoado e corrigido pelo autor ao longo de três anos. Com efeito, a edição e tradução do segundo livro que recentemente publicámos (Manso, 2011) mostrou-nos um grau surpreendente de correcção ortográfica, até para os padrões modernos, tendo em conta as actuais ferramentas informáticas, de extrema importância na revisão de um texto. Além disso, a obra apresenta ainda uma Errata final de três páginas e meia (fl. cl-cli), no final da qual o humanista faz uma derradeira reflexão acerca do aperfeiçoamento do seu trabalho, de que apresentamos a tradução:

No final desta lição tumultuária, dulcíssimos ouvintes, purificámos estes passos. Mas ainda, segundo julgo, muitos outros escaparam aos nossos olhos tão débeis de tudo. De facto, no momento em que urge fazer a ceifa, estando já as espigas lourejadas por igual, tal como não há agricultor tão diligente a quem não caiam por terra algumas espigas dos molhos cortados, ou que não deixe algo que, atrás dos segadores, os pobres, como Rute, a famosa moabita [Cf. *Ruth* 2, 3], não possam recolher, embora aquele, extremamente avarento, agarrando diligentemente com a mão esquerda o último molho de espigas, corte depois, por debaixo da mão, a palha que fica presa à terra com a foice pontiaguda ou com a serrinha redonda; e tal como o cauteloso vindimador, que não agarra as uvas com a mão, mas corta os cachos pelo pé com podadeiras de ferro, para nenhuma porção do fruto se desperdiçar nos bagos espalhados por terra, deixa sempre alguma coisa que, depois da vindima, os meninos, precipitando-se para as vinhas sem guarda, vêm roubar, assim não existe também, na impressão de livros, nenhum ceifeiro ou vindimador tão conhecedor dos erros que pululam por todo o lado que não lhe escape algo para acrescentar, ou para suprimir, ou para mudar, ou, finalmente, para pontuar ou tirar pontuação. Por certo que a mim, nesta mesma obra, várias vezes me aconteceu reler a mesma página, embora emendada mais de uma vez, para, todavia, encontrar algo para rectificação, e, em silêncio comigo próprio, ficar surpreendido por ter encontrado um passo em que havia algo a corrigir nele, e que me parecia já perfeitissimamente correcto. Aquele que, portanto, não ignora que da parte do revisor há sempre o costume de cortar a cópia e de a alterar, esse, com olhos vigorosos, emendará as restantes imprecisões que me escaparam e, culpando o tipógrafo, não me imputará culpa alguma. (*Apud* Manso, 2011, p. 727).

Esta reflexão, para além de literariamente valorizada por belas metáforas de sabor bíblico, revela o preceito horaciano de que é necessário deixar amadurecer a obra para que ela possa ser apresentada na máxima perfeição. É desta maneira que o humanista explica aos discípulos a razão de só em 1516, passados três anos, finalmente atender às suas preces para publicar o *Comentário*:

Vua incocta peracerba est, deinde maturata dulcescit; ita sane longo tempore opus est, et, ut Horatius praecipit, nouennio, si uolumus ingenii nostri fructus [...] coctos esse. (Barbosa, 1516, fl. iii).

A uva verde é muito azeda e depois de amadurecer torna-se doce; do mesmo modo, é realmente necessário um longo tempo, nove anos como recomenda Horácio [*Arte Poética*, vv. 388-389], se queremos que os frutos do nosso talento estejam maduros.

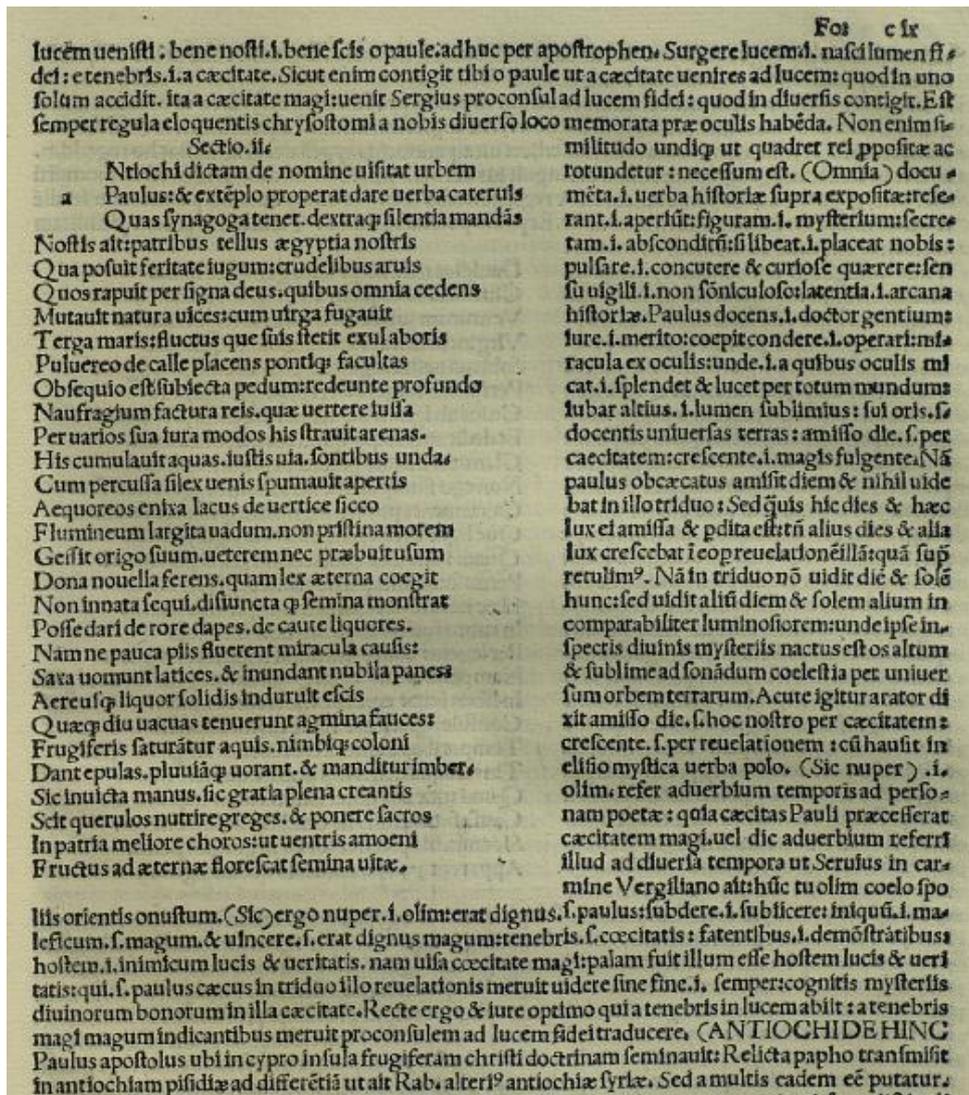
Este amadurecimento, acompanhado por uma minuciosa revisão do texto, visava a ampla divulgação e sucesso editorial que Aires Barbosa previa para a sua obra e que, infelizmente, não viria a acontecer. Diz o autor, num dos epigramas que servem de remate ao Comentário, que a Academia salmanticense deveria prestar-lhe grande tributo, tal é o valor da sua obra: "Tudo o resto que edificas é perecível; a minha obra será contemplada / por todo o país, por todo o povo, por toda a região...." (*apud* Manso, 2011, p. 737; Epigrama *Academiam Salmanticensem alloquitur*, vv. 25-26). Relacionado com esta intenção do autor está um aspecto deveras interessante, e de algum modo estranho, disseminado por todo o comentário e que surge com mais veemência nos prefácios a cada um dos dois livros (fl. ii-iv e cii-ciiii): a existência de defesas enérgicas de Barbosa a detractores, que o acusam de "meter foice em seara alheia", pois, não sendo teólogo, comenta e analisa detalhadamente o longo poema de Arátor, composto por 2.326 hexâmetros, que versam essencialmente sobre matéria bíblica e teológica. Ora, não é conhecida nenhuma controvérsia em torno desta obra e, como é óbvio, não é provável que ela estivesse divulgada antes de ser editada. Portanto, muito provavelmente a maioria dos visados no Comentário são os detractores putativos, que Barbosa prevê surgirem dado o conservadorismo da instituição salmantina. O nosso humanista terá, pois, defendido a sua obra, mesmo antes de ela ser verdadeiramente atacada. E mais até do que uma defesa contra a eventual crítica, as declarações de Barbosa devem ser entendidas como uma forma hábil de *captatio benevolentiae*, criando em volta do Comentário um ambiente apelativo, porque polémico, propício à leitura e à divulgação da sua obra. Aliás, essa defesa converte-se frequentemente em ataque, e Barbosa recorre mesmo ao insulto, epitetando, por exemplo, os seus críticos de "Scyllaei canes et maleficum genum piratarum" (fl. cii vº), "cães de Cila e malfazeja raça de piratas".

É de sublinhar a extensão do Comentário, e nem esse aspecto escapa ao comentador, que antecipa a acusação. No epigrama que finaliza a obra, Barbosa responde a um indivíduo que dizia ser este projecto demasiado longo (conforme se pode ler no título), censura que seguramente muitos lhe poderiam ter feito, a julgar pelos cento e cinquenta e um fólhos compactos da obra. No final do poema o humanista responde-lhe que tem bom remédio: se eram muitos os comentários, lesse poucos, tornando, desta forma, a obra mais curta<sup>3</sup>.

O carácter incipiente da imprensa salmantina no dealbar do século XVI e o preço do papel e do livro podem explicar algumas deficiências estéticas do Comentário. Começamos pela excessiva compactação do texto. Para ilustrar o que vamos expor, apresentamos uma parte do fólho cvii, erradamente identificado como cix:

---

<sup>3</sup> Cf. vv. 27-28: "Ille putans mea commentaria longa, / pauca legat! Nostrum sic breuiabit opus" (Barbosa, 1516, fl. cli vº).



A imagem deixa transparecer o cuidado no aproveitamento de toda a página: é transcrita uma secção do poema de Arátor, mas todo o espaço em seu redor é preenchido com o comentário. Os fólhos que não registam qualquer verso de Arátor, e que são a maioria, são compostos por 57 linhas compactas de texto, sem qualquer parágrafo. Sabemos que o comentador passa de secção não porque haja qualquer corte ou espaçamento no texto, mas por transcrever em maiúsculas a primeira palavra ou expressão da secção seguinte. Neste caso, a análise da segunda secção começa na antepenúltima linha da imagem: "ANTIOCHI DEHINC". A maiusculação da segunda palavra ("Dehinc") destina-se apenas a vincar melhor a separação entre a primeira e a segunda secção, dado que pertence ao comentário e não ao poema.

Na verdade, o uso de maiúsculas parece não obedecer a qualquer tipo de critério: os antropónimos e os topónimos, por exemplo, aparecem grafados tanto com maiúscula inicial como com minúscula; surgem maiúsculas sem qualquer razão justificativa no meio da frase, embora esta comece regularmente por maiúscula, tal como os versos de Arátor. Face à grande arbitrariedade de critérios no que concerne às maiúsculas iniciais, com aparente responsabilidade não só do autor mas também da tipografia da época, tivemos necessidade de uniformizar o seu uso, quando editámos o texto referente ao segundo livro (Manso, 2011), procedendo à alteração, nos casos necessários, de minúsculas para maiúsculas ou vice-versa.

A pontuação levanta problemas semelhantes, que se reflectem na compactação do texto original, já que este apresenta apenas quatro sinais: o ponto final, o ponto de interrogação, os parênteses e os dois pontos, correspondendo frequentemente este último à vírgula. Na nossa edição procurámos

respeitar, sempre que nos foi possível, o ponto final e os parênteses; mantivemos, obviamente, o ponto de interrogação; e introduzimos todos os outros sinais de pontuação, incluindo a abertura de parágrafos, que nunca se encontram no original.

Um último aspecto a contribuir para a compactação do texto barbosiano consiste na grande frequência de abreviaturas. Na edição crítica do segundo livro, servimo-nos com assídua frequência do *Dizionario di abbreviature latine ed italiane*, de Adriano Cappelli (1979), mas constatámos dois factos que dificultaram esse desdobramento. Primeiro, Barbosa usa abreviaturas que não encontrámos em qualquer dicionário, a exemplo de *.n.p.* (fl. cxxxiii v<sup>o</sup>, l. 30), que desdobrámos por “nomen proprium”; e outras que, embora possamos admitir o seu eventual registo, não são habituais, como *hõ*, “homo” (fl. cxxi v<sup>o</sup>, l. 5), e *cãm*, “causam” (fl. cxxiii v<sup>o</sup>, l. 50). Em segundo lugar, nem sempre a mesma abreviatura deve ser desdobrada da mesma maneira, casos, por exemplo, de *.q.*, passível de corresponder a “quondam” ou a “quasi”, e de *tũ*, desdobrável por “tunc”, mas também por “tum”. Esta questão das abreviaturas pode ser ilustrada a partir das cinco linhas retiradas do fólio cxxxii v<sup>o</sup>, que reproduzimos abaixo e de que fazemos transcrição:

[...] sunt templa Dei, mystice declarando; aurum, scilicet, fidei; atque argentum, scilicet, confessionis. Quod iacet interius menti, id est, in mente et in anima, scilicet, aurum fidei; non latet sub corde, scilicet, hominis; dura materies metalli, id est, auri uel argenti; sed apertius, id est, aperte et clare; exagitat, id est, mouet, scilicet, Moses sub nomine auri; illud, scilicet, fidei aurum, quod Christus amat. Mens obtulit aurum, scilicet, in templo Dei; cui fuerit fides pretiosa, id est, aurea et magni pretii, quia uilius argentum est auro; et ministrat, scilicet, mens in templo Dei; argentum cui, scilicet, menti; bona tympana, id est, eloquia, cordis, tanquam tympana sonantia [...]<sup>4</sup>

Existem abreviaturas correntes, como o til, que corresponde à nasal *m* ou *n* (“declarãdo”, “mēti”, “aia”, “nõ”); o sinal <sup>9</sup>, que abrevia a terminação “us” (“interi<sup>9</sup>”); ou a enclítica “que”, abreviada por *q<sub>3</sub>* (“atq<sub>3</sub>”). Contudo, as abreviaturas mais frequentes são *.i.* e *.s.*, correspondentes a “id est” e “scilicet”, que poderíamos traduzir por “isto é”, “ou seja”, “quer dizer”. A repetição exaustiva das expressões *id est* e *scilicet*, que introduzem a explicação da ordem ou do significado de um vocábulo ou expressão, confere alguma monotonia ao comentário, mas confirma o interesse didáctico desta obra, destinada fundamentalmente aos discípulos, tal como Barbosa afirma repetidamente nos prefácios aos dois livros – com efeito, este comentário fornece-nos um magnífico testemunho do ensino do latim e da literatura latina ao tempo do humanista.

Todavia, há ainda outros aspectos técnicos a salientar nesta obra, como a falta de um frontespício e, sobretudo, de capitais ornamentadas: no início de cada secção do poema era suposto o ilustrador desenhar a primeira letra, mas das quarenta e sete capitais previstas falta ilustrar quarenta e cinco, uma vez que o espaço em branco lhes está devidamente reservado. Cuesta Gutiérrez (1960, p. 24), tendo uma perspectiva mais global das obras editadas na tipografia a que Barbosa recorreu, afirma: “Las obras de Porres llevan abundancia de curiosos grabados y letras floreadas”. Ora, imagens não aparecem nem era previsto aparecerem no Comentário barbosiano, mas as “letras floreadas” confirmam-se, faltando saber a razão de o ilustrador ter trabalhado tão pouco, pois apenas ornamentou as duas capitais no início do segundo livro (fl. cii e ciii v<sup>o</sup>). Este facto também é documentável na primeira imagem reproduzida neste artigo.

Deixámos para o fim uma questão fundamental, sobretudo se atendermos ao epíteto do nosso autor: como aparece o grego no Comentário? Nesta, como em todas as outras obras de Aires Barbosa publicadas em Salamanca, a língua de Homero é sempre transcrita em caracteres latinos. Ora, isso pode parecer estranho, tendo em conta a mestria reputada a Aires Barbosa nesse âmbito e a grande frequência com que aparecem palavras, expressões e até frases inteiras nessa língua – autores como Luciano,

<sup>4</sup> Colocamos a negrito as palavras e expressões do poema de Arátor, que Barbosa transcreve para o comentário.

Aristófanis, Píndaro, Homero e Demóstenes, por exemplo, são quase sempre citados em grego. Mas o facto explica-se em função das contingências técnicas da tipografia salmantina de então, que carecia de caracteres gregos. Apresentamos dois exemplos do que acabámos de expor, ambos referentes à pregação de S. Paulo em Atenas, comentada no segundo livro. No primeiro caso, Barbosa cita um passo de Luciano (*Herm.*, 64), onde diz que os juízes julgavam no Areópago de noite para que “se atendesse àquilo que era dito e não a quem o dizia”: “oi en nycti cai scoto dicazousin os mi es tus legontas alles ta legomena apoblepoiēn” (fl. cxxiii vº). O original grego é Oíá e)n nuktì kaiì sko/t% dika/zousin, w`j mh\ e)j tou\j le/gontaj, a)ll' e)j ta\ lego/mena a)poble/poiēn. No segundo caso, o humanista refere uma entrada da *Suda* (nº 1272, s.v. Ke/kroy) que explica a origem do gentílico “Cecrópidas” para designar os Atenienses: “cecropis aigyptios onto genos ocese tas athenas hothēn cecropidae oi athenaioi” (fl. cxxiii). O grego correspondente é Ke/kroy, Ai¹gu/ptioj wÔn to\ ge/noj %Ókhse ta\j ¹Aqh/naj, oÀqen Kekropiçdai oiÑ )Aqh/naioi.

O óbice da transcrição do grego em caracteres latinos, que constitui além do mais uma dificuldade de monta para quem lê o original, pode, todavia, ter bastante interesse para o estudo da pronúncia da língua helénica no início do século XVI. O cotejo que acima é feito permite-nos tirar algumas conclusões a este respeito: a vogal inicial ou ditongo com espírito áspero não era aspirada (“oi”, “os”) nos monossílabos, mas era-o em palavras com mais do que uma sílaba (“hothen”); o thêta era sempre aspirado (“athenas”); o êta não corresponde sempre ao /e/ (“ocese”), pois pode equivaler também em sílaba final ao som /i/ (“mi”). Na transcrição latina é-nos impossível verificar a distinção, ao nível da prosódia, entre épsilon e êta ou entre ómicron e ómega, dado que a grafia é sempre igual (e e o, respectivamente), mas cremos que ela era feita.

Em suma, os originais salmantinos da obra barbosiana apresentam desafios a qualquer latinista, que podem lançar pistas para quem ouse aventurar-se na edição crítica de textos de outros autores da época. A leitura não é de todo isenta de dificuldades e cremos ser esse um dos motivos pelo qual uma obra tão importante como a do humanista aveirense só agora, no século XXI, começa a ser reeditada. Julgamos ter ficado provado o interesse da mesma para a própria história da imprensa salmantina.

## BIBLIOGRAFIA

- Adler, Ada (Ed.) (1933). *Suidae lexicon*. Lipsiae: Teubner.
- Barbosa, Aires (1516). *Aratoris cardinalis Historia apostolica cum commentariis Arij Barbosae Lusitani Salmanticae*: in aedibus Ioannis de Porris.
- Cappelli, Adriano (Ed.) (1979). *Dizionario di abbreviature latine ed italiane*. Milano: Ulrico Hoepli Editore.
- Cousin, J. (Ed.) (1975). *Quintilien. Institution oratoire*. Tom. 1. Paris: Les Belles Lettres.
- Cuesta Gutiérrez, Luisa (1960). *La imprenta en Salamanca: Avance al estudio de la tipografía salmantina (1480-1944)*. Salamanca: Ed. Universidad de Salamanca.
- Esperabé Arteaga, Enrique (1917). *Historia pragmática é interna de la Universidad de Salamanca*. Tom. 2. Salamanca: Lib. de F. Nuñez Izquierdo.
- Grande enciclopédia portuguesa e brasileira*. (n. d.). Tom. 12. Lisboa / Rio de Janeiro: Editorial Enciclopédia.
- López Rueda, José (1973). *Helenistas españoles del siglo XVI*. Madrid: Instituto Antonio de Nebrija.
- Macleod, M. D. (Ed.) (1987). *Lucianus. Hermotimus*. In *Luciani opera* (tom. 4, pp. 17-84). Oxonii: e Typographeo Clarendoniano.
- Manso, José Henrique (2011). *Comentário de Aires Barbosa ao segundo livro da Historia apostolica de Arátor*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian / Fundação para a Ciência e a Tecnologia.
- Marques, Armando de Jesus (1980). *Portugal e a Universidade de Salamanca. Participação dos escolares lusos no governo do estudo (1503-1512)*. Salamanca: Ed. Universidad de Salamanca.
- Medeiros, Walter de Sousa (1953). *Aires Barbosa – esboço biobibliográfico seguido do texto e versão da “Antimoria”*. Tese de licenciatura. Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
- Mendez, Fray Francisco (1861). *Tipografía española, ó Historia de la introduccion, propagacion y progresos del arte de la imprenta en España*. Madrid: Imprenta de las Escuelas Pias.
- Sículo, Lúcio Maríneo (1495). *De Laudibus Hispaniae*. Salamanca: n.e.